



Água Viva,

Recentemente, em virtude da rapidez com que textos e informações se disseminam, a produção de artigos acadêmicos aumentou exponencialmente. Parte desse fenômeno, a Revista Água Viva traz a produção de alunos de Programas de Pós-Graduação em Literatura. Instrumento de propagação de ideias, a revista intenta enriquecer o debate acadêmico fazendo com que diferentes análises de diferentes obras literárias possam ser acessadas e apreciadas, e possam somar sua contribuição ao trabalho de outros pesquisadores.

O presente número traz as contribuições de vários autores. Renato de Oliveira Dering e Eduardo Dias da Silva, em CINCO (IM)POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NO AMBIENTE ESCOLAR PÚBLICO, reafirmam que a leitura vai além da mera decodificação de signos, e a ênfase dada pela escola a essa habilidade, de costas para os sentidos sociais da leitura e escrita, age na direção de torpedear sua intenção declarada de ensinar os alunos a lerem. Os autores apontam as práticas que reforçam o não ensino, como a ausência do hábito da leitura no âmbito escolar, bem como a lacuna no ensino de estratégias de leitura. Por outro lado, a oferta de textos de diversos gêneros promovida por programas como o Pró Livro é apontada como fator positivo. Como sugestão, o professor precisa estimular a reflexão por parte dos alunos, considerando-os como agentes do processo de leitura.

A seguir, Andressa Estrela Lima, em (I)MOBILIDADE: O MEDO QUE MOVE E PARALISA EM NA TEIA DO SOL, oferece uma instigante leitura do romance de Menalton Braff, Na teia do sol, cujo protagonista, André, estudante envolvido nos protestos de 1968, é forçado a “desaparecer” e cortar laços com a família e a namorada, para não acabar sendo localizado e preso pelas forças da repressão. A autora utiliza um aporte teórico que discute as questões do exílio, movimento, imobilidade e isolamento, entre outros, para discutir o romance centrado nesse narrador personagem que acaba quase que completamente cortado do convívio social e da vida intelectual. Essa prisão sem grades acaba por afasta-lo de sua própria identidade e aproxima-lo do personagem que ele havia assumido para evitar a apreensão pelas forças da repressão, e essa modificação é investida de muito sofrimento, consubstanciado, na narrativa, na notícia de



que Tereza, a namorada, havia se casado com outro homem. De certa forma é como se André perdesse a possibilidade de jamais tornar a ser ele mesmo.

Adentrando a pouco estudada literatura em LIBRAS, Cláudio Alves Benassi, em **REGISTRO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA EM LIBRAS EM ESCRITA DE SINAIS VISOGRAFIA: ENSAIANDO PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE ESTRUTURAL**, explicita o funcionamento do sistema de escrita de sinais VisoGrafia (que havia sido objeto igualmente de sua tese) e apresenta a análise de dois poemas que o utilizam, *Sentimento*, de Anderson Simão Duarte e *Querer*, de Cao Benassi. Para proceder à análise dos poemas, as regras de rima e métrica no sistema VisoGrafia são explicitadas, em um estudo pioneiro não apenas do sistema em si, mas também de sua aplicação a um corpus de textos literários.

Claudia Moraes e Danglei de Castro Pereira refletem sobre as distintas abordagens que Ana Miranda dá à vida e à obra de Gregório de Matos Guerra em duas obras de gêneros diferentes: o romance histórico (*Boca do Inferno*) e a biografia (*A musa praguejadora*). A romancista provê o mesmo tema de duas abordagens distintas, em virtude dos diferentes gêneros que utiliza. Em ambos os casos, as obras estabelecem relações intertextuais com o texto histórico, e essa delicada relação é abordada no artigo **O POETA GREGÓRIO DE MATOS GUERRA NA PERSPECTIVA DOS ROMANCES DE ANA MIRANDA: FICCIONALIDADE E INTERTEXTUALIDADE NO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA**.

Em **LEITURA E AFETO EM LER, ESCREVER E FAZER CONTA DE CABEÇA, DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS**, Lia Araujo Miranda de Lima discute, inicialmente, questões do ensino da literatura no âmbito escolar, ressaltando não ser esse o centro de sua discussão. No entanto, como a narrativa a ser analisada é centrada no encontro de uma vocação, a de escrever, desde o momento do primeiro contato com a leitura, esse é um tema de certa relevância. Parte de um ciclo autobiográfico dentro da profícua obra de Queiroz, *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* pode transitar entre diferentes gêneros literários. Até por ser um texto que apresenta o aprendizado da leitura, da convivência com o texto literário, a obra abre a porta para a discussão de questões do ensino de literatura.



Lucca de Resende Nogueira Tartaglia, por sua vez, nos traz *CONSIDERAÇÕES ACERCA DA POÉTICA DE CHARLES PEIXOTO*, em que aborda *Supertrampo*, livro que reúne nove dos títulos publicados pelo poeta. Membro do grupo conhecido como Poesia de Mimeógrafo (alusão ao meio de impressão dos livros) ou Poesia marginal (que também alude indiretamente ao meio de impressão, uma vez que implica em uma edição que virava as costas ao status quo), Charles fez parte da cena literária dos anos 70. O artigo passeia por sua produção e singulariza poemas de diferentes obras para apontar as características da poética do autor. Seu pertencimento ao grupo é apontado em termos de técnicas e temas compartilhados com outros poetas marginais, ao mesmo tempo que sua singularidade é destacada, o que inclui a apresentação da fortuna crítica da obra. Assim, o artigo tanto apresenta a obra de Charles quanto introduz a própria poesia marginal.

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva traz, em *O ETHOS DISCURSIVO DE JESUS CRISTO EM PARÁBOLAS DO NOVO TESTAMENTO NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA*, uma apresentação do aporte teórico que será utilizado, seguido de uma análise, com base na Análise de Discurso, da forma como Cristo, e suas parábolas, são apresentados nos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Parábolas, nos diz Paiva, são narrativas de fundo alegórico que tem por objetivo desvelar um sentido ulterior, e no caso, superior. São também, nesse caso, formas narrativas que, por sua acessibilidade, servem ao propósito de disseminar os ensinamentos de Cristo de forma mais abrangente.

O artigo *À LUZ DA LAMPARINA: A JORNADA DO HERÓI NO CONTO POPULAR*, de Cacio José Ferreira, se debruça sobre *O bicho de um olho só*. Narrativa oral, aqui em versão contada por Domingos Samuel Xavier Guimarães, morador do Sudeste do Tocantins, ela versa sobre uma criatura aparentada aos ciclopes da mitologia grega. É ela que, nessa narrativa, leva o herói a se engajar em sua jornada. Trata-se, no caso, de dois cidadãos comuns, dois irmãos, que procuram água para beber e são abordado por uma criatura estranha – em tese, fato que poderia acontecer com qualquer pessoa, e não apenas com um herói predestinado. Utilizando-se um aporte psicanalítico, junguiano, o artigo procede ao levantamento dos elementos simbólicos presentes na narrativa, que finda com uma jornada bem-sucedida de individuação.



Abordando o texto literário e suas peculiaridades atreves de diferentes obras e de aportes teóricos que ajudam os autores a analisa-las, os artigos presentes nessa edição de Água Viva acrescentam ao crescente universo de estudos sobre a literatura suas vozes, suas visões. Boas leituras a todas e todos!

Profa. Dra. Cíntia Schwantes
Editora Chefe e Professora do PósLIT/UnB